



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1215

A cavalaria segundo Johan Huizinga

Jeferson Silva Ribeiro
(Programa de Pós-Graduação em História – UEM)

Jaime Estevão dos Reis
(DHI/LEAM/PPH/UEM)

Resumo

Esta comunicação objetiva discutir a visão do historiador holandês Johan Huizinga (1872 – 1945) sobre a cavalaria medieval. Este historiador procura abordar a história a partir de uma visão subjetiva, contrariando os anseios científicos do período para a formação do discurso histórico. Pensadores como Karl Lamprecht (1856 – 1915), objetivavam aproximar a História às ciências exatas (naturais), apregoando uma sistematicidade que proporcionaria a descoberta, ou o saber objetivo sobre o passado. Huizinga, historiador da cultura, defende que a História é, também, ciência, mas ciência inexata, pois não pode entender o passado sem entender as sensações que ele proporcionava aos contemporâneos. Partindo dessa abordagem que ele escreverá sua grande obra, o *Outono da Idade Média* (1919). Neste livro, Huizinga analisa os séculos XIV e XV (Baixa Idade Média), procurando mostrar as percepções dos contemporâneos às transformações que ocorriam neste momento. Entre os temas, ali abordados pelo autor, está o da cavalaria medieval. Para ele a cavalaria, ou melhor, os ideais de cavalaria, são resultados de uma fuga ficcional, resultante das dificuldades enfrentadas, e criados a partir da aspiração de uma vida mais sublime. Tal abordagem suscitou algumas polêmicas, como a afirmação de Maurice Keen, em *La Caballeria* (1986), de que Huizinga havia dito que o período da cavalaria nunca existira, sendo apenas uma produção ficcional de um mundo em crise. Porém, em *En torno a la definición del concepto de Historia* (1929), Huizinga apresenta uma metodologia que tentará aproximar a ficção da realidade, para melhor entender a cultura de um certo período.

Palavras-chave: Idade Média; Cavalaria; Johan Huizinga.

Introdução

Durante muito tempo a cavalaria foi vista como peça fundamental da Idade Média, como se toda a história fosse feita através do braço desses nobres valorosos que tomavam o mundo sobre os seus cavalos. Segundo Huizinga, essa ideia é tão forte no século XV, que os homens responsáveis por interpretar a sociedade não enxergavam outro motivo para a evolução política e social que não os feitos de uma nobreza belicosa e cortesã. (HUIZINGA, 2010, pp. 85, 86).

Para a época do romantismo a Idade Média e a cavalaria eram termos quase sinônimos. Claro que hoje, graças ao nosso afastamento temporal e novas metodologias de interpretação histórica, podemos ver outros fatores que contribuíram para essa evolução e, mais detidamente, a transformação da cavalaria em fins do século XIV e começo do XV.

Porém é interessante retomarmos a interpretação do mundo medieval do século XV segundo os contemporâneos, bem como a visão que se tem do período nos séculos XVII e XVIII, pois, a partir delas poderemos observar um ideal ainda presente na mentalidade social: o ideal de cavalaria, pois, como afirma Huizinga, “para o conhecimento da vida cultural, a própria ilusão em que viviam os contemporâneos têm seu valor de verdade” (HUIZINGA, 2010, p. 86). Portanto, nesse artigo, buscaremos apresentar a visão de Johan Huizinga sobre os ideais de cavalaria presentes na literatura medieval (novelas de cavalaria) assim como sua noção sobre metodologia da História. Duas de suas obras serão as chaves para compreendermos seu pensamento: o *Outono da Idade Média* (1919) e *El concepto de la Historia y otros ensayos* (1946), que se trata de uma compilação de artigos do autor. Essa preocupação surgiu a partir das leituras iniciais da pesquisa que estamos desenvolvendo no mestrado e que tem como tema a morte dos ideais de cavalaria na Península Ibérica.

Huizinga e o ideal de cavalaria

Maurice Keen, ao escrever sua obra *La Caballería*, se propõe a responder se realmente existiu uma época da cavalaria. Essa é a problemática chave de sua obra, porém, ao respondê-la positivamente acrescenta que para Johan Huizinga esse período não existiu, teria sido apenas parte de uma criação ficcional diante de um mundo em decadência (KEEN, 2010, p. 13, 14).

A meu ver a proposta de Keen, apesar de interessante, não reflete exatamente o pensamento de Huizinga, pois, como veremos Huizinga nunca afirmou que esse período não existiu. A concepção de Huizinga sobre a busca estética da história e a compreensão de seus ideais pode confundir um leitor desatento, sendo que a busca ideológica de um ideal – proposta de Huizinga para a cavalaria – mediante a crise vivida na Idade Média e principalmente nos séculos XIV e XV, não quer dizer necessariamente que a cavalaria não tenha existido.

A principal preocupação de Huizinga é exatamente o contrário, ou seja, mostrar que a ficção convive lado a lado com a realidade, e que o trabalho do historiador não é o de separá-las, mas, o de conseguir percebê-las. Assim, afirma ele, “Por mais que as formas de viver da nobreza não passassem de um verniz aplicado sobre a vida, ainda assim seria necessário que o historiador soubesse enxergar a vida no brilho desse verniz” (HUIZINGA, 2010, p. 86).

Há um claro problema no estudo de Huizinga, e suas teorias, aqui no Brasil. Para João Antonio de Paula, a recepção desse historiador é bem tardia em nosso país e o silêncio intelectual e midiático, aos 60 anos após a sua morte é bem simbólico sobre a sua representação no Brasil. Mas, ainda concordando com Antonio de Paula, a pouca receptividade a Huizinga não é algo específico do Brasil. O autor afirma que a inclassificabilidade do pensador holandês – por não fazer parte de nenhuma escola histórica – lhe conferiram o esquecimento por parte dessas oficialidades (PAULA, 2005, p. 144).

Deste modo, apesar da revisitação à obra de Huizinga ocorrida nos últimos anos, ainda é possível verificar algumas críticas ao pensamento do autor em relação à Idade Média. Citemos como exemplo, a entrevista concedida por Jacques Le Goff a Hilário Franco Junior por ocasião do lançamento de *O Outono da Idade Média* no Brasil, publicada no jornal Estadão em outubro de 2010.

Nessa entrevista, Le Goff demonstra extremo respeito à obra de Huizinga e tece vários elogios ao pensador, bem como às formas de lê-lo em nosso tempo.

Para o medievalista francês, o historiador holandês promoveu grandes contribuições para a História que estão sendo retomadas hoje, como exemplo, as investigações voltadas para as emoções e às paixões humanas. Para Le Goff, a pouca difusão dos trabalhos de Huizinga deveu-se à nova forma de ver a história a partir dos *Annales*, que acabou por “marginalizar” o pensamento do autor.

Em toda a entrevista duas críticas são mais contundentes: a primeira diz respeito à abordagem de Le Goff sobre uma “longa Idade Média”. Segundo o medievalista francês, a Idade Média se encerraria apenas em 1800, com o surgimento de uma nova sociedade, política e culturalmente definida. Ele acredita que entre 1500 – 1800 as transformações ocorridas não foram suficientes para caracterizar um novo período, sendo mais sensato observar esse período em suas continuidades à Idade Média ao invés das rupturas. Nesse sentido, para Le Goff, Huizinga peca, pois em o Outono da Idade Média, sua preocupação está em mostrar os limites daquele período, que contribuiriam para a formação de um outro, a Modernidade.

A segunda crítica, e mais importante para esse artigo, é a que se refere à sua proximidade com a literatura. Em uma das ressalvas que Le Goff faz à obra de Huizinga, ele diz que:

Eu creio que, apesar de seu charme, o livro de Huizinga é subjetivo demais. Podemos fazer uma história dos sentimentos, mas não podemos fazer História com sentimentos. Creio que a história das imagens desenvolvida a partir da Escola dos *Annales* era mais próxima das fontes, com métodos de análise mais científicos em relação às práticas de Huizinga, que eram mais literárias do que científicas, ao menos em relação ao tipo de ciência que é a História (LE GOFF, 2010).

É interessante notar nessa passagem que a crítica de Jacques Le Goff ao método de Huizinga repousa diretamente sobre a sua proximidade com a literatura, sendo que essa acarreta uma subjetividade extrema aos escritos do historiador holandês. Em outro momento, Le Goff classifica Huizinga como “mestre do erro com seus 'talvez', seu estetismo e diletantismo...” (LE GOFF, 1990, p.287).

Segundo João Antonio de Paula, essa visão presente nos *Annales* - seja pelas críticas diretas ou pela omissão em suas bibliografias – deve-se a uma

historiografia que se quer rigorosa para não se aproximar de um “talvez”, algo que poderia, em sua essência, lembrar a Escola Metódica (PAULA, 2005, p. 144).

J. M. Valero nos faz pensar um pouco mais sobre essas considerações dos historiadores da Escola dos Annales. Segundo ele, a recepção e uso de Huizinga até então, pode ser considerada como uma apropriação ou interpretação indevida (VALERO, 2008, p. 439). Dentre às principais críticas, além dessas já observadas acima, há o silêncio referencial sobre Johan Huizinga. Valero afirma que era praticamente impossível o desconhecimento desse historiador entre os historiadores dos *Annales*, principalmente por parte de Georges Duby – que elogia a inovação metodológica de Marc Bloch, mas não confere espaço algum a Huizinga, mesmo que esse historiador tenha contribuído para a afirmação dessa “nova metodologia”, bem como por parte de Lucien Febvre que o convidou para auxiliá-lo em alguns trabalhos dos *Annales*, convite que ele declina de forma elegante, mas incisiva, em carta de 1934 (VALERO, 2008, p. 442, 443).

Mas a principal preocupação de J. M Valero, assim como a nossa, é mostrar que os traços literários ou poéticos de Huizinga, não lhe destituem o caráter histórico, pelo contrário, há nele uma nova forma de se fazer história. Uma história mais sensível, que prioriza o espírito de uma época. Para cumprir com esse objetivo ele utiliza-se dessa linguagem que quer aproximar o leitor e não apenas do historiador, de seus métodos científicos que por vezes tornam mais difícil a compreensão de um determinado período. Para Valero a aproximação literária de Huizinga tem mais a ver com sua capacidade – devido à formação linguística – em captar o texto, e, diferente dos historiadores que apenas o reproduziam, Huizinga faz um novo texto respeitando os sentimentos nele contidos, e aproximando o leitor daquilo que ele como historiador conseguiu “captar” da história (VALERO, 2008, p. 448).

Johan Huizinga nasceu em Groningen, Holanda no final do século dezenove (1872), foi linguista e historiador, sua preocupação científica era investigar e reconstruir as formas de vida e os temas culturais do passado. Huizinga iniciou sua atividade docente no ano de 1897 em Harlem, próximo de Amsterdam. Em 1905 assumiu cadeira na Universidade de Groningen como professor de História e de 1915 até 1942, na Universidade de Leiden. Foi membro da Academia de Ciências da Holanda e presidente da seção de Humanidades da Real Academia da Holanda. Em

1942, foi capturado pelos nazistas – que opunha ferrenhamente – sofrendo confinamento em campos de concentração até sua morte em 1945.

Nesta discussão, o que mais nos interessa é o pensamento de Huizinga, ou melhor, a sua metodologia aplicada à história, pois o melhor entendimento dessa metodologia nos ajudará compreender o posicionamento de Huizinga em relação à cultura e como esse posicionamento está claramente presente na forma (estética) que ele escrevia a história, principalmente na obra *Outono da Idade Média*, para assim, entendermos também a sua interpretação sobre a cavalaria medieval.

Primeiramente, é importante refletir sobre os questionamentos em relação à história enquanto disciplina. Segundo Naiara dos Santos Damas Ribeiro, a história vive, no século XIX, uma crise sobre a sua credibilidade e autenticidade, ou seja, diante da formação da cientificidade a História deve se posicionar, pois, *“fora desse registro conceitual e metodologicamente mais rigoroso, a História seria apenas uma fantasmagoria estéril, fruto de subjetividades frouxamente controladas por um discernimento crítico e a disposição do uso panfletário e romanesco”* (RIBEIRO, 2010, p. 235). É de comum conhecimento entre os historiadores a resposta dada pela Escola Metódica a essa crise. Coube a essa escola trazer à história a alcunha de ciência, devido à metodologia que passou a ser aplicada, ainda que isso possa gerar um grande debate. Mas, e antes dessa resposta, como a história e os historiadores lidaram com essa crise?

O século XIX foi um período difícil para a formação das disciplinas acadêmicas. Devido ao rigoroso caráter cientificista muitas disciplinas não arrojaram a categoria de científica que passa a ser definida através de métodos muito bem definidos. A história, assim como qualquer outra disciplina, também quer essa posição, pois ela vale a sua existência, ou seja, a sua autenticidade e credibilidade discursiva. Mas ainda sobrevive nesse período uma herança do romantismo historiográfico, que produz uma história baseada no que se espera de um passado, ou seja, como o presente quer vê-lo: com grandes heróis e conquistas à formar uma memória eletiva de sua própria “grandiosidade”.

Portanto, teremos de um lado pensadores como Lamprecht querendo a todo o custo aproximar a História da ciência pela sistematização presente já em outras disciplinas como sociologia e psicologia; e de outro, alguns como Nietzsche que em seu existencialismo espera que as disciplinas fizessem algum sentido para a vida,

que servissem à vida entre o saber esquecer e a “boa” lembrança, e que se a História não pudesse fazê-lo não haveria por que existir (RIBEIRO, 2010, p. 236). Dessas posições é que podemos distinguir duas vertentes historiográficas em colisão: a do final do romantismo, que quer a História como construção das maravilhas do passado, e a do positivismo (ou Escola Metódica) que dá a história seu caráter puramente científico exatamente ao matar esse sentimentalismo.

E é exatamente durante esse confronto de ideias que Johan Huizinga, linguista e historiador preocupado com a arte, apresenta sua teoria sobre a história que não se enquadra em nenhuma dessas aspirações, pois se propõe a fazer uma história que envolva o sentimento, a subjetividade, ou, como ele dizia, “a sensação histórica”. Dessa forma, a história deve acompanhar a vida e esta não existe sem os sentimentos, sem a sensação de viver, portanto, a especificidade da história é ser ciência exatamente por tratar da vida entre todos os “sentimentos” que esta transporta. Para Huizinga, não há como buscar uma época, sem tentar se aproximar da forma como essa época enxergava a si mesma, porém não apenas nas aspirações políticas e sociais, pois até essas, que por muito tempo foram tão importantes para a disciplina, podem se tornar falácias anacrônicas, ao levar os próprios conceitos de “política” e “sociedade” para a Idade Média, por exemplo. Para se entender uma época histórica é preciso compreender os seus sentimentos, os seus ideais, e, para Huizinga, os elementos para se entender esses sentimentos, não são aqueles considerados pelos “cientistas”, isto é, os documentos oficiais, mas aqueles que se encontravam na alma da própria época, ou seja, nas produções artísticas: pinturas, peças teatrais, literatura, etc.

Olhando mais detidamente alguns de seus artigos metodológicos compilados em *El concepto de la historia y otros ensayos* (1992), torna-se clara a sua proposta para a construção dessa ciência histórica, que tem como característica principal, ao contrário das ciências naturais, a inexatidão. Ali é possível aprender mais sobre a sua subjetividade histórica, pois, para ele, não há como adquirir um saber histórico, ou seja, a História, diferente da física, não têm como objeto algo materializado passível de um conhecimento comum, toda História se dá através da interpretação do historiador. Dessa forma, o saber é, como um conhecimento objetivo, impossível de conquista, dada a distância que temos de nosso objeto e das variadas possibilidades interpretativas dos acontecimentos. Assim, o máximo que podemos

ter do passado, é uma compreensão. Por isso Huizinga afirma que “*El saber histórico es siempre puramente potencial*” (HUIZINGA, 1992, p. 13, 14). Essa compreensão parte das imagens que formamos do passado, por isso que a História é considerada por ele, como queriam W. Windelband e H. Richert, uma ciência do espírito que não devia se subordinar às normas das ciências naturais (HUIZINGA, 1992, p. 24, 25).

Segundo Johan Huizinga, “[...] la Historia no puede ni quiere reproducir el enmarañado pasado, ni pretende siquiera dar al pasado una fisonomía que desee ser considerada como la verdadera con exclusión a otras posibles” (HUIZINGA, 1992, p. 53).

O que cabe então ao historiador é a sua sensibilidade para lidar com as imagens do passado, pois mesmo diante do maior acervo documental o historiador não tem a capacidade de reproduzir a verdade, ou o fato histórico, sua experiência sempre influenciará a sua interpretação. Mas, para Huizinga, é exatamente esse o brilho da história, a sua clara inexatidão, mas sempre com a aspiração do historiador de construir o seu passado. Não como na literatura, ou na ficção, pois existe uma responsabilidade científica no historiador da cultura, pois ele quer tratar da “vivência histórica”, se aproximar, pela interpretação de seus documentos, da alma do passado (HUIZINGA, 1992, p. 54-55). Essa é a única forma de trazer as imagens do passado para o presente, mesmo com a plena consciência de que o presente já ajudou a construir essas imagens.

Sendo assim, “comprender históricamente y exponer históricamente”, explica Huizinga, “es algo más que el simple hecho de experimentar y despertar en otros esta sugestión” (HUIZINGA, 1992, p. 56).

Johan Huizinga, já no começo do século XX apresentava um trabalho bem próximo ao que ficou posteriormente conhecido como História das Mentalidades. Em *Outono da Idade Média* ele busca apresentar a realidade cavaleiresca do século XIV e XV, baseando-se em uma aspiração ideológica. Segundo ele, o homem que vivia nos fins da Idade Média era confrontado por uma dificuldade muito clara em sua vida diária. Para todos aqueles que viviam aquele período a crise era muito óbvia, todas as transformações institucionais enfrentadas naquele momento sensibilizaram o pensamento do medieval sobre si mesmo. Assim, Huizinga afirma que em todos os períodos os homens têm uma visão de vida sublime e quanto mais sombrio é o

presente, mais fortemente se fará sentir esta aspiração (HUIZINGA, 2010, 47). Ele ainda afirma que:

No período final da Idade Média, o tom geral da vida é de amarga melancolia. A alegria de viver e a confiança na capacidade dos grandes atos, como ocorre na histórica renascentista e na iluminista, mal são notadas na esfera franco-borguinã do século XV [...] Onde quer que se procure o legado dessa época – nos historiadores, nos poetas, nos sermões, nos tratados religiosos e em documentos notariais -, com poucas exceções, encontramos apenas lembranças de brigas, ódio, maldade, ganância, selvageria e miséria (HUIZINGA, 2010, p. 47).

É importante ter esse cenário em mente, pois, será dessas sementes de melancolia, semeadas no solo fértil de finais da Idade Média, que brotarão os frutos de uma positividade, decorrentes do que Huizinga chamou de “anseio por uma vida mais bela”.

Desta ideia, fundamentada em uma ideologia de vida sublime presente em todas as épocas, é que Huizinga estabelece sua fórmula sobre a “construção dos ideais de cavalaria”. Ele sugere então três formas que, em todos os períodos, conduzem seus viventes a uma vida ideal, ou a uma vida sublime: a primeira seria o “abandono do mundo”, uma forma de se desprender de todos os laços que prendiam a existência a esse mundo, resolução encontrada por muitos monges e acetas; o segundo caminho conduziria a melhoria do mundo através de ações que transformariam as condições e as instituições. Porém, na Idade Média o providencialismo, característico do cristianismo reinante impedia as pessoas de vivenciarem tais experiências, pelo menos aos níveis imaginados para obter a verdadeira transformação. Mas o terceiro caminho, não ligado apenas à resolução religiosa e, segundo Huizinga, o mais fácil, porém o mais enganoso de todos: o caminho do sonho (HUIZINGA, 2010, p. 54-56) é que direcionaria a construção dos ideais de cavalaria em fins da Idade Média.

A cavalaria ainda é um tema que chama muito a atenção dos medievalistas, e, não atoa, muitas teses são defendidas a seu respeito. Porém, buscar uma resolução para a existência ou a utilidade da cavalaria, não é questão tão simples. Diante da expressão artística defendida por Huizinga para as formas estéticas e éticas da

Idade Média, insere-se a cavalaria. Sobre a interpretação desse período voltado totalmente para o providencialismo cavaleiresco, Huizinga mostra a clareza que esse tema apresentava nos fins da Idade Média.

Segundo Huizinga tal interpretação da centralidade da cavalaria no período não incorre em erro. Claro que sabemos que nesse período uma nova configuração social já se apresentava, transformando a estrutura feudal de outrora, mas o que cabe aqui, e segundo a metodologia de Huizinga, é buscarmos entender como o período concebe a si mesmo. Assim, de acordo com o historiador holandês, mesmo com o surgimento da burguesia, que reformulava as formas sociais desse período, os contemporâneos tendiam a ver, ainda, a cavalaria em toda a sua glória. Para comprovar isso Huizinga apresenta uma série de documentos literários que permitem perceber a centralidade dada à cavalaria em detrimento da burguesia, que não fazia parte daquela configuração tripartite ordenada pelo próprio Deus (HUIZINGA, 2010, p. 85-94). Em outro trecho ele afirma claramente essa percepção político-social do período:

A essa época, os mecanismos de governo e administração do Estado já haviam assumido formas complexas, mas no espírito popular a política ainda se materializava numas poucas figuras, simples e fixas. O imaginário político vigente era o da canção popular e do romance de cavalaria (HUIZINGA, 2010, p. 21).

Dessa forma prevalecia ainda o ideal de cavalaria que, para Huizinga, era como um ideal encantatório. Assim como as noções de corte e de nobreza são impregnados pelo ideal cavaleiresco, também as ideias relativas à fé são incorporadas e sucumbem ao poder da ideia de cavalaria (HUIZINGA, 2010, p. 97). Dessa forma, entender o Ideal de cavalaria neste período e se aproximar do seu “sentimento histórico”, é entender como se dá a organização social, não apenas pelos dados que podem ser recolhidos nos documentos oficiais, mas perceber como a própria sociedade entende o seu momento.

E esse momento não é outro que a transformação de fins da Idade Média. Agora, o que devemos ter em mente é que os contemporâneos não tinham ideia do que surgia dessa transformação, e sem uma leitura muito clara de seu período, uma leitura que envolvesse os vários estamentos presentes e suas inter-relações, cabia a

interpretação que lhes era mais próxima, ou seja, a cavalaria.

É como se o espírito desses autores (cronistas) – um espírito pouco profundo é preciso dizer – acolhesse a ficção cavaleiresca na forma de um corretivo à sua própria época, que lhes parecia incompreensível. Era o único meio de poder entender, ao menos em parte, os acontecimentos. Na realidade, a guerra a e política eram extremamente informes e aparentemente incoerentes (HUIZINGA, 2010, p. 98 – 99).

É claro que todo esse sonho não é real, pelo menos não na forma dos acontecimentos, mas é fato também que esse ideal ajuda a pintar o mundo com novas cores. O fato da não realidade dessa presença cavaleiresca em todos os setores, controlando toda a dinâmica medieval fica claro na própria forma que alguns cronistas escolhem para contar as suas “belas” histórias. Huizinga cita, Jean Froissart, Monstrelet, d'Escouchy Olivier de la Manche e Molinet, autores que mesmo apresentando a intenção inicial de “escrever para glorificar a virtude e a fama cavaleiresca”, não conseguem manter esse raciocínio até o final e acabam por escorregar e apresentar uma rede de egoísmo, intrigas, traição e crueldades (HUIZINGA, 2010). Mas a questão é que mesmo diante disso, mesmo diante das irresoluções púnicas, da ineficácia diplomática e da dificuldade em ver nisso tudo um certo desenvolvimento social, “os historiadores acolhem a ficção do ideal cavaleiresco, remetendo tudo a uma bela imagem de honra soberana, a um belo jogo de regras nobres, e assim criando uma ilusão de ordem” (HUIZINGA, 2010, p. 99).

Há, segundo Huizinga, nesses ideais cavaleirescos, a busca da honra e orgulho necessário para que o período todo não entre em colapso. Para que haja uma esperança a humanidade cria modelos a serem seguidos, e no caso dos fins da Idade Média esse modelo é o cavaleiro:

A aspiração cavaleiresca à glória é inseparável do culto dos heróis, no qual confluem os elementos medieval e renascentista. A vida cavaleiresca é uma imitação, seja dos heróis do ciclo arturiano, seja dos heróis da Antiguidade, pouco importa (HUIZINGA, 2010, p. 101).

Um dos exemplos mais claros que o autor dá sobre a busca dos heróis medievais está no “culto dos nove heróis”, no qual há uma fusão entre ideais cristãos, cavaleirescos e renascentista. Entre os nove heróis estão três pagãos (Heitor, César e Alexandre); três judeus (Josué, Davi e Judas Macabeus); e três cristãos (Arthur, Carlos Magno e Godofredo de Bouillon). Além disso, Huizinga mostra como a própria vida de nobres da época podia ganhar essa aura de heroicidade, ou seja, uma biografia do cavaleiro perfeito. Boucicaut é um bom exemplo disso. Segundo Huizinga, Jean le Meingre, ou marechal Boucicaut, como era mais conhecido, foi um prezado nobre que serviu a João Sem Medo em um período de grandes dificuldades, como em Nicópolis (1396), sendo ali derrotado pelos turcos, assim como em Azincourt em 1415, onde se tornou prisioneiro, morrendo cativo, seis anos depois (HUIZINGA, 2010, p. 103 - 107).

Seria uma história até comum caso um admirador não tivesse escrito uma biografia – ainda enquanto vivia – sobre os grandes feitos de Boucicaut, e nesses feitos o nobre comum ganhar uma roupagem mágica, na qual o que é escrito vai além de uma história contemporânea para erigir a imagem do cavaleiro ideal (HUIZINGA, 2010, p.107).

Dessa forma os relatos maravilhosos das vidas desses nobres, ganham alguns aspectos de veracidade, já que apresentam vidas reais e o maravilhoso se entrelaça aos fatos contribuindo para a receptividade, crença e reprodução do ideal. Para Johan Huizinga essa expressão “artística” própria das cortes de fins da Idade Média não se dá apenas em relação a cavalaria, mas a toda representação estética normatizada por regras bem claras de conduta, que elevavam a sua situação crítica a posições ao menos esteticamente mais belas, ornando o período de uma honra e orgulhos que não seriam possíveis sem essas representações.

Foi possível, aqui, acompanhar um pouco do caminho percorrido por Johan Huizinga desde a sua abordagem metodológica sobre a História, até sua concepção de cavalaria nos fins da Idade Média. Podemos então afirmar que, diferente do que pensava Maurice Keen, Huizinga não atesta uma cavalaria apenas como parte das ilusões do medievo. As ilusões, ou melhor, os sonhos e o desejo por uma vida mais sublime, deram o tom para a formação dos ideais de cavalaria, que não está dissociado de sua existência real. Na concepção Huizinga, o historiador tem de captar o passado e fazê-lo compreensível ao leitor, buscando trazer ao mundo

presente, as emoções e os desejos que influenciavam a forma que o próprio medievo via o seu universo.

Referências

HUIZINGA, Johan. **El concepto de la historia**. Distrito Federal do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KEEN, Maurice. **La caballería: la vida caballeresca en la Edad Media**. Barcelona: Ariel, 2010.

LE GOFF, Jacques. HUIZINGA, Johan. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A nova História**. Coimbra: Almedina, 1990.

LE GOFF, Jacques. O outono da Idade Média, obra de Huizinga chega ao país. Paris: 2010. **Estadão**, São Paulo, 30 de outubro de 2010. Caderno Cultura. Entrevista concedida a Hilário Franco Júnior. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,outono-da-idade-media-obra-de-huizinga-chega-ao-pais,631749>. Acessado em 07 de maio de 2015.

MORENO. Juan Miguel Valero. Johan Huizinga: ver la Historia. In: LERA, Javier San José (Org.). **La Fractura Historiográfica: las investigaciones de Edad Media y Renacimiento desde el Tercer Milenio**. Salamanca: Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas, 2008, p. 439 – 457.

PAULA, João Antonio de. Lembrar Huizinga. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 15, n. 01, p. 141-148, janeiro – abril de 2005. Disponível em: <http://www.face.ufmg.br/novaeconomia/sumarios/v15n1/150106.pdf>. Acessado em 05 de maio de 2015.

RIBEIRO, Naiara dos Sandos Damas. A morfologia histórica de Johan Huizinga e o caráter pragmático do passado. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 04, p. 234-254, março de 2010. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/91>. Acessado em 02 de

junho de 2015.